



NOVENA À
NOSSA SENHORA DO BRASIL



IMAGEM DOS SAGRADOS CORAÇÕES LEVADA PARA NÁPOLIS,
E LÁ APELIDADA DE NOSSA SENHORA DO BRASIL



NOSSA SENHORA DOS DIVINOS CORAÇÕES,
ROGAI POR NÓS!

NOSSA SENHORA DO BRASIL,
ROGAI POR NÓS!



Amados irmãos e irmãs em Cristo,

A novena que têm em mãos foi preparada com zelo, amor e espírito de oração por uma comissão de paroquianos de nossa comunidade. O intuito dela é fazer conhecer a história e fomentar a devoção à Santa Mãe de Deus, que, entre nós, é venerada com o título de Nossa Senhora do Brasil.

Celebramos, neste ano de 2022, o décimo primeiro aniversário da consagração do nosso altar e da dedicação do nosso templo, cuja cerimônia foi celebrada em 11 de setembro de 2011 sob presidência de Sua Eminência Reverendíssima Cardeal Dom Odilo Pedro Scherer, Arcebispo Metropolitano da Arquidiocese de São Paulo, à qual pertencemos.

Os textos da novena foram pensados e elaborados com base em um paralelo entre as sete Palavras de Jesus Cristo na Cruz e as Palavras de Maria descritas nos Evangelhos, revelando, assim, a total sintonia entre o Sagrado Coração de Jesus e o Imaculado Coração de Maria.

A inspiração desse fio condutor advém da contemplação da bela imagem de Nossa Senhora do Brasil que adorna o nosso altar-mor e que, originalmente, é uma imagem de Nossa Senhora dos Divinos Corações.

Agradeço profundamente a Deus e a todos os envolvidos neste belo projeto

A todos, a bênção de Deus. Viva Cristo Rei! Viva a Mãe de Deus!

Pe. Michelino Roberto
Pároco

Nossa senhora do Brasil:

A HISTÓRIA DE UM GRANDE AMOR

O evangelho segundo São Lucas conta que, quando Jesus nasceu, seus pais receberam a visita inesperada de alguns pastores, os quais anunciaram que haviam sido visitados por um anjo, do qual haviam escutado estas palavras: “Eu vos anuncio uma grande alegria, que será também a de todo o povo: hoje, na cidade de Davi, nasceu para vós o Salvador, que é o Cristo Senhor!” (2,10-11). O Evangelista acrescenta: “todos os que ouviram os pastores ficavam admirados com aquilo que contavam. Maria, porém, guardava todas estas coisas, meditando-as no seu coração” (2,18-19). Que grande lição de sabedoria nos deu a Virgem Maria! Enquanto alguns apenas se admiram com as surpresas que a vida oferece, Ela, sabendo que nada escapa à Providência Divina, procura compreender o que Deus, através delas, está dizendo. Pois o Criador, como ensina o Salmo, não fala somente por meio de palavras: “Não são discursos nem frases ou palavras, nem são vozes que possam ser ouvidas; seu som ressoa e se espalha em toda a terra, chega aos confins do universo a sua voz” (cf. Sl 18 A (19),2-10).

Deus, que não muda, continua a nos falar de vários modos. E, nestes últimos tempos (cf. Hb 1, 1-2), nos fala de modo especial através da Predileta de seu Coração, a Santíssima Virgem Maria. Cada título, cada aparição, cada novo acontecimento envolvente a Mãe de Deus é repleto de significados e tem muito a dizer, sobretudo àqueles que por algum motivo estão a eles mais ligados. Podemos estar certos, então, de que o misterioso título de Nossa Senhora do Brasil tem algo de especial a nos ensinar. Para descobrir esse tesouro, é necessário aprender sua história.

Tudo inicia com uma escultura em madeira de 1,5 metros da Virgem Maria com o Menino Jesus. A Virgem

tem traços indígenas e o Menino, traços mestiços. Ambos trazem corações feitos em ouro: a imagem foi originalmente conhecida como Nossa Senhora dos Divinos Corações. Uma antiga tradição conta que ela fora encomendada a um índio artesão por São José de Anchieta (1534-1597), quando este visitou Pernambuco após sua estadia no Espírito Santo, onde fundara a primeira capela dedicada ao Sagrado Coração de Jesus. A imagem teria permanecido em uma aldeia indígena até meados de 1630 e desaparecido durante os ataques dos holandeses calvinistas no Nordeste – em Pernambuco, sua ocupação se estendeu até 1654.

A Santa, que entre os indígenas havia adquirido certa fama de milagrosa, reaparece na história com os Frades Capuchinhos, os quais, tendo-a conhecido e escolhido como padroeira da recém fundada Prefeitura Apostólica de Pernambuco, entronizaram-na na famosa igreja de Nossa Senhora da Penha, no Recife. A Prefeitura foi criada em 1725 – em 1709, Capuchinhos italianos haviam retomado a Missão da Ordem na Penha, após anos de ocupação francesa.

Em 1828, por ocasião de tumultos e profanações que aconteciam em Pernambuco, o Frei Joaquim d'Afragola, fervoroso devoto da imagem, enviou-a em segredo a seu convento de origem em Nápoles, na Itália. Lá ela permaneceu por muito tempo na alfândega. Os frades não sabiam do que se tratava e, por falta de recursos para pagar os impostos, não retiraram aquela pesada caixa que lhes era destinada. A imagem apenas deixou a alfândega por iniciativa dos guardas que, curiosos, abriram a caixa e, impressionados, arcaram com os custos para liberá-la. Ela foi instalada no convento de Santo Efrém, onde os capuchinhos a expuseram para veneração dos fiéis. Foi lá que, por conta de sua origem, a imagem de Nossa Senhora dos Divinos Corações começou a ser chamada de Madonna del Brasile – isto é, Nossa Senhora do Brasil – e Virgem Mãe de

Deus Brasileira.

A imagem, à qual foram atribuídos vários milagres pelo povo napolitano, tornou-se famosa quando, na madrugada de 22 de fevereiro de 1840, sobreviveu ilesa a um incêndio que destruiu a igreja de santo Efrém. O povo napolitano correu para vê-la intacta em meio às ruínas fumegantes e o prodígio se espalhou pela Itália. A igreja foi reconstruída e o local tornou-se meta de peregrinação: nasceu assim a devoção a Nossa Senhora do Brasil. Ao longo dos anos, o aumento dos milagres relatados fez com que a própria Santa Sé recomendasse a coroação da Santa com o título que hoje conhecemos: oficializava-se, então, o título de Nossa Senhora do Brasil. Em 1867, uma reorganização dos capuchinhos fez com que a imagem fosse transferida a outra igreja de Nápoles, também esta dedicada a Santo Efrém.

Todavia, tanto a imagem como esta nova devoção eram desconhecidas dos brasileiros. Foi apenas em 1924, por iniciativa do bispo D. Frederico de Souza Costa, que a história chegou a nós. Tendo ouvido falar da Santa, D. Frederico tratou de conhecê-la e dá-la a conhecer. O culto a Nossa Senhora do Brasil começou no Rio de Janeiro, em Porto Alegre e em São Paulo. Em 17 de dezembro de 1933 foi inaugurada na Urca, no Rio de Janeiro, a primeira igreja a ela consagrada. Em 1940, o arcebispo D. José de Afonseca e Silva criou, no Jardim América, em São Paulo, a paróquia a ela dedicada e, dois anos depois, iniciou-se a construção da igreja matriz.

Desde então, foram muitas as tentativas para trazer a imagem de volta a sua terra de origem – todas, infelizmente, inexitosas. De fato, seria para nós brasileiros uma grande honra e fonte de graças ter a presença física da Santa conosco, mas isso, no fundo, não é o essencial: o mais importante é sabermos extrair de todos estes acontecimentos as riquezas espirituais que Deus nos quer comunicar. Quantas são as coisas a serem tiradas dessa

história tão singela, que poderíamos chamar de síntese da identidade e missão brasileiras! Diz Jesus que “todo escriba que se torna discípulo do Reino dos Céus é como um pai de família, que tira do seu tesouro coisas novas e velhas” (Mt 13,52). Vejamos, então, algumas das lições que podemos extrair da história de Nossa Senhora do Brasil, que foi intitulada Padroeira da Família Brasileira.

Se pensássemos como os poderosos deste mundo, provavelmente desprezaríamos uma devoção cuja origem é tão simplória: passaram-se já vários séculos, e tão poucos a conhecem! Ademais, a Senhora do Brasil foi assim chamada por estrangeiros, e por muito tempo não havia sequer um brasileiro a conhecê-la! E, no entanto, que erro cometeríamos... Pensemos bem: não foi assim que Deus sempre agiu na História. Ele, que escolheu fazer de Seu Filho eterno, destinado a ser o Novo Adão e Rei do Universo, o filho de um humilde carpinteiro de uma província esquecida nos confins do Império Romano, desprovida de qualquer importância – não à toa Natanael havia questionado: “de Nazaré pode sair algo de bom?” (Jo1,46); não seria coerente que a Virgem Puríssima, por meio da qual Deus “derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes” (Lc 1,52), quisesse dar-se a nós dessa maneira? Que grande sinal de predileção, portanto, é a misteriosa pequenez com a qual Deus conduz o povo brasileiro!

De fato, coisa semelhante se deu com a imagem de Nossa Padroeira, a Senhora Aparecida: enquanto outras Terras narram aparições e eventos extraordinários, a Virgem Maria decidiu nos visitar por meio de uma pequena imagem encontrada no leito de um rio. Eis a sábia lógica divina: Suas grandes obras costumam iniciar na humildade do silêncio e da pobreza, para depois crescerem e se tornarem gloriosas. Também a nós, brasileiros, Deus parece conceder tal vocação! Sim, devemos buscar com todas as forças, por meio do trabalho e da oração ordinários, a santificação de nossos pobres corações, para que,

à medida que estes se conformem aos Divinos Corações de Jesus e Maria, também o nosso grande e sofrido Brasil, Terra de Santa Cruz, alcance a glória à qual está destinado e venha a ser luz para o mundo inteiro. A história de Nossa Senhora do Brasil parece nos ensinar essa lição.

Ademais, que tal título tenha nascido em terra estrangeira é também fonte de precioso ensinamento. A fé cristã, à diferença das tantas crenças surgidas ao longo da História, não é fruto do engenho humano, mas dom inimaginável de Deus para a salvação dos homens. Nós não a criamos, mas a recebemos e acolhemos com docilidade e gratidão. De fato, convém saber que todas as heresias e males que acometem nossa amada Igreja nascem quando nós, ao invés de sermos transformados à imagem de Cristo, procuramos deformá-lo à imagem de nossos caprichos. Que Nossa Senhora do Brasil tenha sido assim chamada por italianos é mais uma prova de que não somos nós que queremos nos promover, mas de que é Deus a querer nos presentear com o amor de Maria. O mesmo ensina a imprevista história da devoção: não foi planejada foi cristãos devotos, mas tecida pela Providência ao longo dos séculos. Lembremo-nos, porém, de que “o amor de Cristo nos impele” – *caritas Christi urget nos* (2Cor 5,14): suas bênçãos requerem aquela alegre e esforçada correspondência, pois amor com amor se paga. Se o Brasil é uma terra abençoada, temos que nos empenhar para que dê frutos!

Por fim, vale mencionar dois detalhes da imagem original deixando as restantes riquezas desta devoção para serem descobertas pelos corações devotos. Sendo uma imagem dos Divinos Corações, ela se reveste de singular significado nestes tempos de apostasia da fé. A meditação e contemplação dos Divinos Corações têm sido promovida pela Igreja de modo especial nos últimos dois séculos, como forma de ajudar a humanidade a redescobrir o infinito Amor de Deus revelado em Jesus Cristo, úni-

ca esperança deste mundo. De fato, a Virgem Santíssima, cujas aparições se têm propagado nas últimas décadas, preparando a humanidade para os desafios que estão por vir, por vezes nos exortou a não temer, pois, no fim, seu Imaculado Coração triunfará.

Por outro lado, os traços índios e mestiços da Imagem são um reflexo da lógica da Encarnação: Deus, sem deixar de ser o que é, se transforma no que não é, para salvar aqueles que estão longe dEle! São duas coisas irrenunciáveis na vocação cristã ao apostolado: sem renunciar a ser o que somos por vocação, isto é, sem jamais abrir mão das verdades de nossa fé e da renúncia a todo tipo de pecado, fazemo-nos como São Paulo: “assim, livre em relação a todos, eu me tornei escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível. Com os judeus, me fiz judeu, para ganhar os judeus. Com os súditos da Lei, me fiz súdito da Lei embora não fosse mais súdito da Lei, para ganhar os súditos da Lei. Com os sem Lei, me fiz um sem-lei – eu que não era sem a lei de Deus, já que estava na lei de Cristo –, para ganhar os sem-lei. Com os fracos me fiz fraco, para ganhar os fracos. Para todos eu me fiz tudo, para certamente salvar alguns” (1Cor 9,19-22). Também a Virgem Maria se apresenta a cada povo com os traços que A tornam mais atraente para os corações humildes. Não por alguma ideologia passageira – e as há em tanta profusão, atualmente! – mas por sincera caridade, a qual jamais se separa da Verdade!

Nossa Senhora dos Divinos Corações, rogai por nós!
Nossa Senhora do Brasil, rogai por nós!

1º Dia

Ignorância do mal

Como acontecerá isso, se não conheço homem algum? (Lc 1, 34)

Pai, perdoa-lhes! Eles não sabem o que fazem! (Lc 23, 34)

Do momento em que foi pregado na cruz até entregar Seu espírito, Jesus proferiu sete Palavras. São também sete as Palavras atribuídas a Maria nos Evangelhos, desde o anúncio do anjo Gabriel até o início da vida pública de seu Filho, em Caná. Traçando um paralelo entre elas, nossa novena seguirá, durante os seus sete primeiros dias, a tradição espiritual de relacionar cada Palavra de Nossa Senhora à Palavra correspondente de seu Filho.

Neste primeiro dia, então, as Palavras de Maria e de Jesus convergem no tema da ignorância: Nossa Senhora *não conhece* homem algum, assim como os carrascos do Senhor *não sabem* o que fazem.

No mundo em que vivemos, toda ignorância é sempre associada a um defeito, um dos piores males que podem afligir alguém. A era da informação tenta nos convencer de que nossa felicidade depende de termos acesso constante a um fluxo de dados abundante e descontrolado: a cada minuto, nosso celular apita com uma nova notificação, curta, *tweet ou story*, de que devemos tomar conhecimento “com urgência”... Na Escritura, por outro lado, qualquer *sabedoria deste mundo* que não seja capaz de reconhecer Deus é chamada de loucura (cf. 1Cor 1, 20-21), e por isso os pequeninos são julgados espiritualmente mais perspicazes do que os *sábios e entendidos* (cf. Lc 10, 21).

Nas primeiras Palavras de Jesus e Maria, com efeito, a ignorância é tida como algo positivo, como uma bênção: é precisamente porque *não sabem o que fazem* que Jesus intercede por seus carrascos (cf. At 3, 16); e, para a jovem Maria, que havia consagrado a própria virgindade

a Deus, o *não conhecer homem* significava fidelidade ao voto assumido.

Mas como a ignorância pode ser algo bom? É possível que algum tipo de conhecimento nos seja indesejável? Aqui, convém lembrarmos de que a tentação de Satanás a nossos primeiros pais foi justamente a de eles serem “conhecedores do bem e do mal” (Gn 3, 5). E é esse tipo de conhecimento que tem o mal como objeto – que nos é nocivo: pois todo aquele que *experimenta* o mal e o pecado, longe de compreendê-lo, torna-se antes incapaz de entender-lhe a maldade.

São os mais castos que entendem a malícia da impureza, como também são os mais honestos que percebem a feiura da injustiça. Exatamente por isso é que Jesus e Maria, as duas pessoas mais inocentes que andaram nesta terra, eram os mais capazes de sofrer com a visão do mal – e foi essa a Sua maior angústia no Calvário.

Infelizmente, nenhum de nós pecadores pode afirmar sua *ignorância* nesta matéria: todos conhecemos o pecado, e o conhecemos por experiência própria – embora não sejamos sempre capazes de enxergar suas consequências... A boa notícia, no entanto, é que existe para nós uma “escola de desaprendizado”, que nos permite purificar a alma e voltar a enxergar a vida com os olhos de Deus: o Tribunal de Misericórdia, que se abre a nós no confessional. Aproveitemos esta novena, então, para suplicarmos a graça de *desaprender* nossa malícia com uma boa confissão, feita com a candura das criancinhas (cf. Mt 18, 3).

Novena à Nossa Senhora do Brasil

1º dia – Maria, Exemplo de Ignorância do Mal

Pura Virgem Maria, que nas adversidades da vida sempre trilhastes o caminho do bem e recusastes toda experiência do mal, peço-Vos que me concedei a graça de imitar esse Vosso exemplo de dignidade de coração. Ajudai-me a dirigir os pensamentos apenas ao que é verdadeiro, nobre, justo, amável, honroso, virtuoso e louvável, e a nunca ter diante dos olhos qualquer coisa má, injustiça ou pecado (cf. Sl 100 (101); Fl 4, 8). Acolhei com bondade maternal as súplicas que Vos dirijo nesta Novena. E as apresentai a Jesus, que a tomou como sua Mãe na Terra e no Céu. Amém.

*Rogai por nós, Nossa Senhora do Brasil,
Para que sejamos dignos das promessas de Cristo.*

2º Dia

Adesão à Vontade Divina

Faça-se em mim segundo a tua palavra. (Lc 1, 38)

Em verdade te digo: hoje estarás comigo no paraíso. (Lc 23, 43)

Nesta vida, podemos gozar de muitos bens: saúde, prosperidade, inteligência, influência, amigos e família. Mas a verdade é que, mais cedo ou mais tarde (e, no limite, na hora da morte), seremos privados de todos eles. A única coisa que possuímos de forma incondicional é nossa *vontade livre*: na terra como no Céu (e também no inferno!), nossa vontade é irrevogavelmente nossa. Assim, as únicas coisas que de fato importam na vida é o modo como orientamos nossa vontade e a finalidade que damos a ela. Pois é nesse tema que confluem a segunda Palavra de Maria e a de Jesus.

No caso de Nosso Senhor, aquela salutar Palavra “hoje estarás comigo no Paraíso” foi dirigida ao bom ladrão, após uma radical reorientação da vontade. Lembremos, afinal, que aquele ladrão nem sempre fora bom: nos instantes iniciais da crucificação, o Evangelho nos diz que o Senhor era insultado pelos “dois ladrões que foram crucificados com ele” (cf. Mt 27, 44). Ao verem Jesus intercedendo ao Pai por seus carrascos, cada um dos malfeitores reagiu de forma diferente: um deles continuou a ofendê-lo, mas o outro o repreendeu: “‘Nem sequer temes a Deus, tu que sofres a mesma condenação? Para nós, é justo sofrermos, pois estamos recebendo o que merecemos; mas este não fez nada de mal’. E acrescentou: ‘Jesus, lembra-Te de mim, quando entrares no Teu reino’” (Lc 23, 39-42). O antigo ladrão tornava-se agora São Dimas, “aquele que nasceu ao pôr-do-sol”, porque no poente de sua vida aceitou livremente a vontade de Deus a seu respeito.

Quanto a Nossa Senhora, sua segunda Palavra é o

assentimento irrestrito que com seu *Fiat* dá ao anjo que Lhe viera comunicar os desígnios de Deus. “O fiat é muito mais que uma autorização: é uma adesão absoluta e firme ao plano divino; é um ato positivo de vontade pelo qual a Virgem queria o cumprimento dos propósitos divinos, não propriamente sem pensar em si mesma, mas aceitando de uma vez para sempre tudo o que o futuro Lhe pudesse reservar, fosse o que fosse”¹.

Assim como São Dimas e Nossa Senhora, cada um de nós é chamado pela Providência a ocupar um lugar único no grande plano universal de salvação, por meio da aceitação de nossa cruz pessoal. Quando recomenda que cada um *tome a sua cruz* (Mt 16, 24; Lc 9, 23), Cristo deixa entrever “que todos têm sua cruz, e, se com olhos desapaixonados dermos uma volta ao mundo, acharemos que é assim. Que estado há no mundo, desde o mais alto ao mais humilde, desde o mais livre ao mais sujeito, desde o mais abundante ao mais pobre, desde o mais apeteído ao mais desprezado, que, ou por fora, ou por dentro, não tenha sua cruz? Umas vemos, outras não vemos, e as menos visíveis são ordinariamente as mais pesadas, porque são as mais interiores, e as que carregam só na alma. É este mundo, como o Monte Calvário, em que se acham todos os estados, e todos com cruz”².

E em que consiste este tomar a cruz? Não se trata de fazer grandes coisas, mas de fazer com grande amor. “De fato, não é importante o radicalismo em si, mas se este é uma resposta ao amor de Deus. As coisas espiritualmente significativas na Igreja nunca acontecem porque alguém decidiu fazê-las, mas porque Deus encontra alguém disponível a acolhê-lo de maneira tão radical que Ele pode se manifestar e cumprir a sua redenção”³. É por isso que

1 Federico Suárez, *A Virgem Nossa Senhora*.

2 Padre Antonio Vieira, *Sermão das chagas de São Francisco*.

3. Marko Ivan Rupnik, *O discernimento*.

uma Santa Teresinha podia proclamar, admirada, o grande mistério pelo qual “apanhar um alfinete por amor pode converter uma alma”, e um Fulton Sheen podia afirmar que “esfregar o chão do escritório por amor a Deus é maior que comandar o escritório por amor ao dinheiro”⁴. “No serviço de Deus, não há ofícios de pouca categoria: todos são de muita importância. A categoria do ofício depende do nível espiritual de quem o realiza”⁵.

O caminho para nossa santidade, portanto, é aquele que Maria escolheu na Anunciação, e que o bom ladrão escolheu no Calvário: o abandono de si à vontade divina. Supliquemos, então, a graça de entregarmos livremente nosso ser ao plano que Deus traçou para nós.

4. Seven words of Jesus and Mary.

5. São Josemaria Escrivá, *Forja*, n. 618

Novena à Nossa Senhora do Brasil

2º dia – Maria, Exemplo de Adesão à Vontade Divina

Obediente Virgem Maria, que com o anúncio do anjo tomastes consciência do papel que a Providência Vos havia destinado no grande plano divino, e sob essa luz passastes a enxergar todas as alegrias e aflições que constituíram a trama de Vossa existência, concedei-me a graça de ver aquilo que Deus quer em minha vida, e de eu também o querer, com todo o coração, ao longo dos mil pequenos acontecimentos de cada dia. Confio a Vós, ainda, aqueles que se debatem sob o peso de suas cruzes, para que, ao perceberem nelas a doce companhia do Crucificado, saibam Vos dar a sua fé. Amém.

*Rogai por nós, Nossa Senhora do Brasil,
Para que sejamos dignos das promessas de Cristo.*

3º Dia

Companheirismo Espiritual

Eis aqui a serva do Senhor! (Lc 1, 38)

Jesus, ao ver sua mãe e, ao lado dela, o discípulo a quem amava, disse à mãe: 'Mulher, eis teu filho!' Depois disse ao discípulo: 'Eis tua mãe!' (Jo 19, 25-27)

Não seria errado dizer que a santidade consiste na *intimidade com Deus* o maior dos mandamentos, afinal, é o “Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todo o teu entendimento”. Mas estaria equivocada toda noção de amor a Deus que pretendesse excluir ou preterir o amor a todos os outros homens e mulheres, filhos do mesmo Pai: o próprio Jesus, afinal, relembra que o *segundo* mandamento, *semelhante* ao primeiro e com o qual compõe uma unidade de que “dependem toda a lei e os profetas”, é aquele “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22, 37-40). São João é enfático neste ponto: “Se alguém disser: ‘Amo a Deus’, mas odeia seu irmão, é mentiroso. Porque aquele que não ama seu irmão, a quem vê, é incapaz de amar a Deus, a quem não vê” (1 Jo 4, 20).

Em princípio, a Providência divina poderia ter disposto a grande história da salvação de tal forma que cada homem percorresse seus caminhos na terra sem sofrer nem exercer influência sobre seus semelhantes contudo, alegrou “a Deus salvar e santificar os homens, não individualmente, excluía qualquer ligação entre eles, mas constituindo-os em povo que O conhecesse na verdade e O servisse santamente”⁶.

À luz dessa verdade de nossa fé, comentava um monge trapista, revisitando as primeiras lembranças sobre quando alcançou sua consciência moral: “uma vez que a ninguém é possível, nem jamais seria, viver apenas

por si próprio e para si próprio, os destinos de milhares de outras pessoas estavam fadados a ser afetados alguns remotamente, mas outros de forma muito direta e imediata pelas minhas próprias escolhas e decisões e desejos, como também a minha própria vida haveria de ser moldada e modificada de acordo com a deles. Eu entrava num universo moral em que estaria em relação com todos os demais seres racionais, e no qual multidões inteiras de nós, densas como enxames de abelhas, arrastar-se-iam reciprocamente em direção a um dado fim comum de bem ou mal, paz ou guerra”⁷.

O ponto em que a Terceira Palavra de Jesus e a de Maria se aproximam é este *companheirismo espiritual*.

No caso de Nosso Senhor, tal Palavra constituiu em Sua Mãe um novo vínculo de maternidade não carnal, mas espiritual. Ao falar em termos universais (“Mulher, eis teu filho!”, e não, como seria mais intuitivo, “Mãe, eis aí João!”), Jesus denotava a universalidade do vínculo então instituído: Maria passava a ser mãe na fé de todos discípulos de seu Filho. Aquela mesma Mãe da Alegria, que em Belém dera à luz a Cristo, em parto virginal e indolor, tornava-se agora a Mãe das Dores, parindo entre prantos e gemidos cada cristão.

6. Vaticano II, *Lumen Gentium*, n. 9.

7. Thomas Merton, *The Seven Storey Mountain*, 1, 1, 2.

Ao receber de seu Filho esse novo encargo, Maria deve ter se lembrado de sua própria Terceira Palavra aquele *Ecce ancilla Domini*, “Eis aqui a serva do Senhor”, com que manifestara não uma aceitação passiva dos desígnios divinos, mas uma prontidão ativa a engajar-se no serviço dos demais. Tanto é assim que, tão logo respondeu ao anjo, Nossa Senhora, em vez de reivindicar atenção para si, espalhando a notícia de que seria a Mãe do Messias, “levantou-se e foi apressadamente”, numa viagem de cinco dias através das montanhas, à casa de sua parenta Isabel, para acudir-lhe às necessidades (Lc 1, 39). E a resposta da anciã à sua saudação, chamando-a agora de “a mãe do meu Senhor” (Lc 1, 43), já prenunciava a nova situação de cada filho de Deus perante aquela a quem Ele tomara por mãe.

Um bom jeito de estimularmos a consciência desse *parentesco espiritual* em relação a Nossa Mãe Santíssima e seu Filho Jesus (e, por consequência, a cada homem e mulher) é rezarmos o Santo Rosário com afinco. A repetição da Ave-Maria é tudo menos estéril e monótona: pois um filho pode dizer “eu te amo” muitas vezes à sua mãe e ainda assim cada repetição será, por força das novas circunstâncias ambientes, uma singular reafirmação de seu amor.

Novena à Nossa Senhora do Brasil

3º dia – Maria, Exemplo de Companheirismo Espiritual

Prestativa Virgem Maria, que ao ser eleita Vos colocastes a serviço incansável dos demais, e fostes assim abençoada pelo Senhor; a Vós, que do Filho gerado em Vossa própria carne recebestes a responsabilidade de gerá-lo mais uma vez em cada cristão através da fé, eu Vos suplico a graça de me perceber também responsável pelo bem-estar terreno e pela salvação eterna de todos a que Deus chamar de filhos. Concedei essa mesma visão celestial a quem já possui a fé no Cristo, para que sirva com alegria aos que ainda não a têm. Amém.

*Rogai por nós, Nossa Senhora do Brasil,
Para que sejamos dignos das promessas de Cristo.*

4º Dia

Confiança na Vitória

A minha alma engrandece o Senhor, e meu espírito exulta em Deus, meu Salvador, porque olhou para a condição humilde de sua serva. Todas as gerações, desde agora, me chamarão bem-aventurada, porque o Poderoso fez por mim grandes coisas. Santo é o seu nome, e sua misericórdia se estende, de geração em geração, sobre aqueles que o temem. Ele manifestou poder com o seu braço: dispersou os soberbos nos pensamentos de seu coração. Depôs os poderosos de seus tronos e exaltou os de condição humilde. Encheu de bens os famintos e despediu os ricos sem nada. Amparou Israel, seu servo, lembrando-se da misericórdia, como prometera a nossos pais, a Abraão e à sua descendência, para sempre. (Lc 1, 46-55) Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste? (Mc 15, 34)

A Quarta Palavra de Jesus, “*Eloí, eloí, lemá sabactâni?*”, não foi o clamor de um desesperado: Nosso Senhor aludia ao Salmo 21, escrito mil anos antes pelo rei Davi. O cântico, de fato, começa como um lamento, repleto de profecias cumpridas na Paixão: “*Riem de mim todos aqueles que me veem*”, “*Transpassaram minhas mãos e os meus pés*”, “*Eles repartem entre si as minhas vestes, e sorteiam entre si a minha túnica*”... Logo adiante, no entanto, o Salmo se converte numa confiante profissão de fé na soberania e no amor de Deus: “*Vós que temeis ao Senhor Deus, dai-lhe louvores (...), porque Deus não desprezou nem rejeitou a miséria do que sofre sem amparo*”; “*ao Senhor é que pertence a realza; Ele domina sobre todas as nações*”.

Nossa Senhora, que como judia devota conhecia bem as Escrituras, certamente captou a alusão – e deve ter se lembrado de sua própria Quarta Palavra, o cântico de louvor que brotara de seu coração 33 anos antes, em visita à sua prima Isabel (Lc 1, 46-55).

Existem paralelos notáveis entre as duas cenas. Por um lado, nenhum dos casos era, sob o ponto de vista hu-

mano, particularmente esperançoso: um “esquecido por Deus”, ultrajado e humilhado na Cruz, parecia tudo menos vitorioso; e uma desconhecida menina de um insignificante vilarejo da Judeia tinha tudo para cair no esquecimento, com o tempo. Os dois momentos, por outro lado, foram marcados pela confiança em meio à escuridão: Jesus proclamava sua vitória antes de a batalha terminar, nas trevas que recobriram a terra; Maria afirmava o senhorio de um Senhor ainda não nascido, guardado no breu de seu ventre.

Nas duas cenas, em suma, a virtude cristã da esperança aparece com força aquela “pela qual desejamos o Reino dos céus e a vida eterna como nossa felicidade, pondo toda a nossa confiança nas promessas de Cristo e apoiando-nos não nas nossas forças, mas no socorro da graça do Espírito Santo”^{8.1}

A verdadeira esperança é muito diferente do mero otimismo. Uma pessoa pode ser otimista por uma inclinação natural de seu temperamento – e essa inclinação, em si mesma involuntária, será boa ou ruim conforme sua disposição para o bem. De que adianta, afinal, um otimismo que nos cega para a realidade ao nosso redor?

Há também outros tipos de otimismo, originados de ideologias segundo as quais o futuro da humanidade fatalmente caminharia para uma sociedade sadia e livre de conflitos. Tampouco esse otimismo ideológico se confunde nossa esperança cristã – pois, nele, a crença no futuro não se apoia na amorosa Providência de Deus, mas numa suposta marcha inevitável da história, por meio das revoluções sociais ou do progresso técnico-científico.

8. Catecismo da Igreja Católica, n. 1817.

No fundo, “o otimismo ideológico não passa da fachada de um mundo sem esperança, um mundo que por meio dessa fachada ilusória deseja esconder seu próprio desespero. Só assim se explica a angústia desmedida e irracional, esse temor traumático e violento, que surge quando algum acidente no desenvolvimento técnico ou econômico desperta dúvidas quanto ao dogma do progresso”⁹.

De fato, é precisamente diante das adversidades (“dito em cristão”, da Cruz!¹⁰) que se nota toda a força sobrenatural da esperança cristã. H. G. Wells era um ateu e otimista ideológico: em 1902, ao final de um século de enormes progressos no conhecimento humano, ele profetizava um futuro brilhante, em que os descendentes do homem ainda haveriam de rir-se, manuseando as estrelas¹¹; já em 1939, após os horrores da 1ª Guerra Mundial e na iminência da 2ª, o mesmo Wells se lamuriava da indiferença da natureza perante o homem, “rapidamente arrastado rumo à degradação, ao sofrimento e à morte”¹².

A reação de um cristão perante a cruz é oposta: “insultados, abençoamos; perseguidos, suportamos; caluniados, consolamos! Chegamos a ser como que o lixo do mundo, a escória de todos até agora...” (1 Cor 4, 12-13). Venha o que vier, o cristão sabe que a vitória final está garantida: “Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação? A angústia? A perseguição? A fome? A nudez? O perigo? A espada? (...) Estou persuadido de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem o presente, nem o futuro, nem as potestades, nem as alturas, nem os abismos, nem outra qualquer criatura nos poderá apartar do amor que Deus nos testemunha em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 8, 35.38-39).

9. Joseph Ratzinger, Olhar para Cristo.

10. São Josemaria Escrivá, Sulco, n. 52

11. The Discovery of the Future.

12. The Fate of Homo Sapiens.

“Tu vês a diferença! Agora, escolhe! Escorregarás até um desespero abissal, ou antes, como Cristo na escuridão que encobriu a terra ao meio-dia, e como Maria antes que sua Árvore da Vida tivesse deitado raízes na terra, confiarás em Deus, em sua misericórdia e em sua vitória?”¹³

Terminemos esta meditação com um conselho prático: quando recebermos em nossos ombros uma cruz que nos aflija, vamos levá-la à Santa Missa diária. No momento da consagração, nós a entregaremos ao Senhor, repetindo-Lhe o que Ele mesmo nos diz: “Isto é meu corpo! Isto é meu sangue! Toma-os para ti: são teus. Não me importa que os acidentes ou aparências de minha vida permaneçam como estão, com meu trabalho diário e meus deveres rotineiros. Mas aquilo que eu sou, substancialmente: toma-o, consagra-o, enobrece-o, espiritualiza-o; muda minha cruz num crucifixo, de modo que eu já não seja meu, mas teu, ó Divino Amor!”

13. Fulton Sheen, *Seven Words of Jesus and Mary*.

Novena à Nossa Senhora do Brasil

4º dia – Maria, exemplo de confiança na vitória

Fiel Virgem Maria, que guardastes em Vosso coração todas as maravilhas de Deus, olhando-as quando Vossa alma estava angustiada e buscando sempre em Deus o Vosso refúgio, peço-Vos que me dêis a graça de imitar Vosso exemplo, estendendo a Ele minhas mãos quando a força me faltar, e nEle colocando a minha esperança. Levai essa mesma graça a todos os que amo, para que a tristeza de quem nesta terra chora e se lamenta seja, no Céu, transformada em alegria. Amém.

*Rogai por nós, Nossa Senhora do Brasil,
Para que sejamos dignos das promessas de Cristo.*

5º Dia

A busca de deus e da criatura

Filho, por que agiste assim conosco? Olha, teu pai e eu andávamos, angustiados, à tua procura! (Lc 2, 48)

Tenho sede! (Jo 19, 28)

Neste quinto dia de novena, as Palavras de Jesus e Maria nos propõem o tema da busca recíproca e do desejo ardente entre o Deus Criador e o homem, sua criatura.

Aquele “Tenho sede!” que Nosso Senhor exclamou depois de várias horas de suplício não era uma mera constatação fisiológica de desidratação pois Ele o fez, como relata S. João, “para que se cumprisse a Escritura” (Jo 19, 28; cf. Sl 69 (68), 22).

Lembremos do episódio da mulher de Sicar (Jo 4): chegando por volta do meio-dia a uma fonte situada nos arredores da cidade, Jesus sentou-se, e logo depois chegou uma mulher, à qual pediu: “Dá-me de beber!” (v. 7). Seu verdadeiro propósito, porém, não era obter da mulher um copo d'água essa foi apenas a deixa para iniciar a conversa. Seu objetivo, na verdade, era dar a ela a água viva (v. 10) – água da qual quem beber *nunca mais terá sede*, porque ela se *tornará nele uma fonte que jorra para a vida eterna* (v. 14). A mulher, então, acreditou que ele era o Messias, e saiu correndo à cidade para anunciar a grande novidade: e o mesmo Jesus que antes estava com fome e *fatigado da viagem* (v. 6) agora recusava comida, explicando aos discípulos ter se alimentado de *um alimento que eles não conheciam* (v. 32). Embora Deus, em sua infinita bondade e grandeza, não precisasse minimamente de sua criatura.

Ele como que *quis precisar dela*: Ele *quis ter sede* de cada um de nós, e saciar-se quando Lhe damos nosso *sim*.

As palavras com que Ele nos fala de sua preocupa-

ção conosco chegam a comover: “Assim fala o Senhor, aquele que te criou, Jacó, aquele que te formou, Israel: ‘Não tenhas medo, pois eu te resgatei, chamei-te pelo teu nome, tu és meu! (...) Pois eu sou o Senhor, o teu Deus, o Santo de Israel, o teu Salvador! (...) Porque és precioso aos meus olhos, e foste glorificado, eu te amo!’” (Is 43, 1-4).

Aquele que criou e sustenta no ser humano todas as galáxias do universo nos ama como um pai carinhoso a uma criancinha manhosa: “Quando Israel era menino, eu já o amava, e desde o Egito chamei meu filho. Quanto mais eu os chamava, tanto mais eles se afastavam de mim; imolavam aos Baals e sacrificavam aos ídolos. Ensinei Efraim a dar os primeiros passos, tomei-o em meus braços, mas eles não reconheceram que eu cuidava deles. Eu os atraía com laços de humanidade, com laços de amor; era para eles como quem leva uma criança ao colo. (...) O meu povo inclina-se a pecar contra mim; é chamado para o alto, mas não faz por elevar-se. (...) Meu coração comove-se no íntimo e arde de compaixão” (Os 11, 1-8). “Vivemos como se o Senhor estivesse lá longe, onde brilham as estrelas, e não consideramos que também está sempre ao nosso lado. E está como um Pai amoroso – quer mais a cada um de nós do que todas as mães do mundo podem querer a seus filhos, ajudando-nos, inspirando-nos, abençoando... e perdoadando”¹⁴.

Se a Palavra de Jesus nos fala do Deus que deseja estar com os homens, a Palavra de Maria reflete a mais perfeita das criaturas buscando seu Criador: “Filho, (...) teu pai e eu andávamos, angustiados, à tua procura!”

14. São Josemaria Escrivá, Caminho, n. 267.

A expressão de Maria – *Filho!* – surpreende por sua espontaneidade – sobretudo se lembrarmos que a reação típica dos patriarcas diante da presença de Deus era o medo: Abraão sentiu terror e caiu de rosto por terra (Gn 15, 12; 17, 3); *Jacó ficou cheio de pavor* (Gn 28, 17); e *Moisés escondeu o rosto, pois temia olhar para Deus* (Ex 3, 6). Maria, no entanto, era a verdadeira Mãe do Redentor, e por isso podia falar-Lhe com simplicidade – e também nós o podemos, nós a quem o Senhor chama *amigos* (cf. Jo 15, 15): “Perde o medo de chamar o Senhor pelo seu nome – Jesus – e de Lhe dizer que O amas”¹⁵.

Se é este o caso: se Deus, por um lado, deseja ardentemente celebrar conosco a Páscoa eterna, e se por outro lado “o homem tem em si uma sede de infinito, uma saudade de eternidade, uma busca de beleza, um desejo de amor, uma necessidade de luz e de verdade, que o impellem rumo ao Absoluto; o homem tem em si o desejo de Deus”¹⁶, então o que impede esse encontro? Por que nem sempre estamos próximos de Deus?

A verdade é que nosso pecado nos afasta dEle, nos leva a *escondermo-nos*, como Adão e Eva, *por entre as árvores do jardim* (Gn 3, 8). Mas, mesmo quando pecamos, Deus não fica longe de nós. Basta um olhar de nossa parte, um gesto que busque o perdão, e Ele nos estende os braços, pronto a nos acolher. Que graça seria aproveitarmos a novena para fazer uma boa confissão, para mais uma vez nos reconciliarmos radicalmente com Deus!

15. São Josemaria Escrivá, Caminho, n. 303.

16. Bento XVI, Audiência Geral, 11/05/2011.

Novena à Nossa Senhora do Brasil

5º dia – Maria, exemplo de busca de Deus

Amorosa Virgem Maria, que por toda a vida buscastes o Senhor, cumprindo com perfeição a Sua vontade, concedei-me a graça de amar a Deus acima de todas as Suas criaturas, e acima da minha própria vida, para que meu coração inquieto encontre nEle seu repouso. Alcançai também a todos que têm fome e sede de santidade, de modo que, ao encontrarem aquele que é Santo, sejam saciados. Amém.

*Rogai por nós, Nossa Senhora do Brasil,
Para que sejamos dignos das promessas de Cristo.*

6º Dia

A hora

Eles não têm vinho! (Jo 2, 3)

Está consumado (Jo 19, 30)

Depois que tomou o vinagre, Jesus disse: “Está consumado”. Não se tratava de uma mera declaração de alívio, como se dissesse “até que enfim acabou” – antes, Cristo declarava *consumado ou levado à perfeição* o grande plano divino de salvação. As Escrituras nos falam de três grandes momentos de *completude*: no início da criação, quando, “no sétimo dia, Deus concluiu toda a obra que fizera” (Gn 2, 2); e no fim dos tempos, quando *Aquele que está sentado no trono* dirá, com grande voz, “*Está feito!* Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim” (Ap 21, 5-6). Entre a consumação da Criação e a consumação do Juízo Final, Cristo proclama, do alto da cruz, a consumação da Redenção: sua vida e morte abriam para nós as portas do Céu, e davam o sentido de toda a história do universo.

Esta Palavra de encerramento da vida pública de Nosso Senhor deve ter trazido à memória de Nossa Mãe Santíssima o “início dos sinais que Jesus fez, em Caná da Galileia” (Jo 2, 11). Como na cruz, também ali havia vinho, porém em quantidade insuficiente para os convidados do casamento, e foi Maria, em sua caridosa solicitude, a primeira a percebê-lo. Ela pediu então socorro a seu Filho, com uma simples oração: “Eles não têm vinho!”. Maria sabia perfeitamente o que pedia: se Jesus fizesse ali o milagre diante de tantas testemunhas, sua vida de carpinteiro desconhecido chegaria ao fim, e entraria em marcha uma complexa cadeia de acontecimentos e circunstâncias que culminariam em sua Paixão. E se Ele não mais seria o *carpinteiro*, Maria tampouco continuaria sendo a *mãe do carpinteiro* – ela teria de assumir um novo papel, como

Mãe do Redentor e de todos os redimidos por Ele. É isso que significa a resposta que Ele lhe deu: “Ó mulher, o que há entre mim e ti?”.

Jesus não a chama “minha mãe”, mas “*mulher*” – a Mulher por excelência, aquela que é chamada a ser mãe de todos os homens, a nova Eva, destinada a pisar na cabeça da serpente (Gn 3, 15). No mesmo ato, deixa entrever que virão trevas em seu caminho: “A minha hora ainda não chegou”.

Sempre que Nosso Senhor falava em sua *hora*, ele se referia à Paixão. Quando, na festa das Tendões, repreende os judeus por sua incredulidade, estes procuravam prendê-lo, mas ninguém lhe pôs as mãos, *pois ainda não tinha chegado a sua hora* (Jo 7, 30). Na última ceia, ao final de seu longo discurso de despedida aos apóstolos, Ele levantou os olhos ao céu e disse: “*Pai, chegou a hora. Glorifica o teu filho, para que teu filho te glorifique*” (Jo 17, 1). Quando, enfim, foi preso no Getsêmani, repreende os guardas: “Todos os dias eu estava convosco no templo, e nunca levantastes a mão contra mim, mas esta é a vossa hora e o poder das trevas” (Lc 22, 53).

A hora teve início em Caná, com a Sexta Palavra de Nossa Senhora, e concluiu-se no Calvário, com a Sexta Palavra de Nosso Senhor: entre esses dois marcos, as fadigas, as perseguições – em suma, as cruzes e a Cruz.

Para nós, fica a lição de que qualquer boa obra que começarmos nos reserva a sua “hora”, a cruz que devemos abraçar antes da perfeição. A esse respeito, Jesus foi bastante explícito: “Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome cada dia a sua cruz e siga-me; pois quem quiser salvar sua vida, este a perderá; mas quem perder sua vida por causa de mim, este a salvará” (Lc 9, 23-24). E aos gregos, que lhe propunham tornar-se professor em Atenas, Ele respondeu: “Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo que cai na terra não morre, fica só; mas, se morre, produz muito fruto” (Jo 12, 24).

A nossa dificuldade, no caminho de vida cristã, é que tantas vezes voltamos a encarar a cruz como um obstáculo ao nosso bem – buscamos ser santos *apesar da cruz*, ser felizes *apesar da cruz*, ser bons *apesar da cruz*. Mas é justamente o contrário: como dizia Santa Rosa de Lima, “Fora da Cruz não existe outra escada por onde subir ao céu!” Lembremos daquele tão belo hino inglês, que se diz ter sido tocado no naufrágio do Titanic: *Nearer, my God, to Thee, E’en though it be a cross that raiseth me!* – “Mais próximo a Ti, meu Deus, quero estar, posto que seja uma cruz a me alçar!”

O que são os sofrimentos desta vida, no fundo, se não situações em que somos privados de bens intermediários: saúde, confortos, prazeres, boa fama... Pois bem, nenhum desses bens se compara com o único bem último, a amizade de Deus – e perder aqueles pode nos ajudar a mantermos o foco nesta. É sob essa lógica que um cristão pode dizer, sem ser masoquista: “Bendita seja a dor. Amada seja a dor. Santificada seja a dor... Glorificada seja a dor!”¹⁷

17. São Josemaria Escrivá, Caminho, n. 208.

Novena à Nossa Senhora do Brasil

6º dia – Maria, Exemplo de Perseverança na Cruz

Firme Virgem Maria, que em toda a vida soubestes derramar o amor de Vosso coração transpassado pela espada, permanecendo de pé até o final, junto à cruz, concedei-me a graça de lançar a cada dia as sementes do Reino, ainda que entre lágrimas, para que eu possa colhê-las com alegria no Céu. Amparai todos os que sofrem: não para que sejam privados da dor, mas para que saibam convertê-la em amor a Deus. Amém.

*Rogai por nós, Nossa Senhora do Brasil,
Para que sejamos dignos das promessas de Cristo.*

7º Dia

O sentido da vida

Fazei tudo o que ele vos disser! (Jo 2, 5)

Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito. (Lc 23, 46)

A questão do sentido da vida humana é, no fundo, a questão do significado de nossa liberdade. O que, afinal, faz de alguém uma pessoa livre? Que é a liberdade?

Os homens de hoje costumam conceber a liberdade como a *“licença de fazer seja o que for, (...) contanto que agrade”* ¹⁸. Fazendo-o, julgam-se “críticos” e *avant-garde* – no entanto, nada mais fazem do que ecoar a busca do puro prazer, ensaiada a cada época por seu bufão. No paganismo erudito da Antiguidade, Catulo metrificava em hendecassílabos “Vivamos, ó minha Lésbia, e amemos!” ¹⁹; no paganismo pomposo do Renascimento, a Violetta de Verdi solfejava que “Tudo no mundo é loucura, a não ser o prazer!” ²⁰; no paganismo bestializante da Modernidade, rebola-se ao martelar de um “Não se reprima, não se reprima, não se reprima”.

Acontece, porém, que a real liberdade, ao contrário do que pensam tantos de nossos contemporâneos, não está no poder de escolher o mal: pelo contrário, nós cristãos anunciamos ao mundo que a *“liberdade verdadeira”* é aquela pela qual o homem, *“libertando-se da escravidão das paixões”*, torna-se capaz de alcançar o bem ²¹. Se um virtuose de renome consegue tocar Bach ou Beethoven sem deixar transparecer esforço, isto só é assim por

18. Vaticano II, *Gaudium et Spes*, n. 17.

19. *Vivamus, mea Lesbia, atque amemus* (Ode n. 5).

20. *Tutto è follia, follia nel mondo, ciò che non è piacer* (dueto “*Libiamo ne’ lieti calici*”)

21. Vaticano II, *Gaudium et Spes*, n. 17.

causa das dezenas de milhares de horas de árduo trabalho, pautado por rigorosa disciplina. Não fossem as leis da teoria musical e as regras do estudo técnico, não poderíamos desfrutar de seu concerto.

Poderíamos resumir, dizendo que o sentido último da vida de todo ser humano é a felicidade, e que a felicidade é a experiência de conseguir alcançar o verdadeiro bem, através de um condicionamento interior (chamado liberdade) que torne a natureza racional do homem capaz de prevalecer sobre seus instintos e apetites animais.

O mais elevado bem que alguém pode alcançar, no entanto, é o próprio *Senhor que é fonte da própria bondade, Pai incriado, do qual procedem todas as coisas boas* ²². E, por isso, a mais perfeita liberdade consiste em abandonar-se inteiramente nas mãos de Deus. Por detrás de todas as dificuldades da história, e por sobre as ações livres de suas criaturas, é Deus, em sua Providência, quem “cuida de tudo, desde os mais insignificantes pormenores até aos grandes acontecimentos do mundo e da história”²³.

É essa entrega, esse abandonar-se inteiro nas mãos de Deus, que se reflete na Sétima Palavra de Nosso Senhor e na de sua Mãe. Jesus, ao deitar seu espírito no Calvário, entregou-Se a Si próprio ao Pai; e Maria, ao sair de cena em Caná, nos pediu que nos entreguemos a nós mesmos ao Filho.

Nosso Senhor passou toda a Sua vida terrestre ocupando-se da vontade de seu Pai. “Eu devo estar naquilo que é de meu Pai” (Lc 2, 49); “eu sempre faço o que é do seu agrado” (Jo 8, 29); “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23, 46). Também Nossa Senhora, nas últimas palavras suas registradas na Escritura, encorajou-nos ao pleno abandono: “Fazei tudo o que ele vos disser!” (Jo 2, 5).

22. De um belo hino penitencial chamado Kyrie fons bonitatis.

23. Catecismo da Igreja Católica, n. 303.

Se a oração de Jesus no Getsemâni tivesse sido apenas “Meu Pai, passe de mim este cálice”, ela teria sido uma autoafirmação da própria vontade, por cima e contra a vontade de Deus. Mas Nosso Senhor rezou: “não seja como eu quero, mas como tu queres”. Quem dera possamos, nós também – ainda que em meio a dores, ainda que pesarosos, ainda que sem entender muito bem os motivos –, dizer sempre um confiante Amen à vontade do Pai.

Novena à Nossa Senhora do Brasil

7º dia – Maria, Exemplo de Entrega à Vontade do Pai

Fiel Virgem Maria, que aceitastes a Anunciação da mesma maneira como a rejeição de Belém, a fuga ao Egito, a simplicidade de Nazaré, a dor do Calvário e cada pequena circunstância de Vossa vida, concedei-me a graça de pedir com sinceridade ao Pai para que seja feita a Sua vontade, não a minha. Ajudai os que sofrem a entender que todos os males cooperam para o bem de quem ama a Deus. Amém.

*Rogai por nós, Nossa Senhora do Brasil,
Para que sejamos dignos das promessas de Cristo.*

8º Dia

Maria, Corredentora e Medianeira de Todas as Graças

“Foi pela Santíssima Virgem Maria que Jesus Cristo veio ao mundo, e é também por Ela que deve reinar no mundo” – São Luís Maria Grignon de Montfort

“Não há fruto da graça na história da salvação que não tenha como instrumento necessário a mediação de Nossa Senhora” – Bento XVI

Para entendermos a invocação de Maria como corredentora, precisamos refletir sobre o que é a redenção realizada por Nosso Senhor Jesus Cristo. O termo “redenção” vem do latim *redemptio*, que significa *comprar de volta um objeto*, ou, quando aplicado aos seres humanos, *resgatar um escravo*.

Recordemos, então, que pelo pecado de nossos primeiros pais (Gn 3) o homem ultrajara a honra divina, cuja gravidade é infinita, dada a infinitude do ofendido, que é o próprio Deus. Dessa maneira, para que a ordem da justiça fosse reestabelecida, era necessária uma reparação proporcional à magnitude da culpa – coisa que somente seria alcançável por alguém de dignidade divina.

É precisamente isso que fez Nosso Senhor, pois nos libertou da escravidão do pecado, da ignorância e da libertinagem ao preço de seu divino sangue, “do qual uma só gota já bastaria a salvar o mundo de todos os crimes”²⁴. São Pedro recorda aos primeiros cristãos “que não é por bens perecíveis, como a prata e o ouro, que fostes resgatados (...), mas pelo precioso sangue de Cristo” (1 Pe 1, 18).

24. Santo Tomás de Aquino, Adoro te devote.

De acordo com a fé da Igreja, portanto, há somente um redentor e “mediador entre Deus e os homens, o homem Jesus Cristo” (1 Tm 2, 5-6). Todavia, “assim como a bondade de Deus, sendo uma só, se difunde de modos diversos pelos seres criados, assim também a única mediação do redentor não exclui, antes suscita nas criaturas cooperações diversas, que participam dessa única fonte”²⁵. Maria, é verdade, não é Deus – mas desde toda a eternidade foi destinada a ser Mãe de Deus: e por isso a redenção do gênero humano aconteceu com sua direta colaboração, já que a humanidade de Cristo foi gerada por Ela, na Encarnação.

Maria não “somente” gerou Cristo no seu ventre: é ela quem O gera para sempre nas almas, pois com aquele “Eis a tua mãe” (Jo 19, 27) Jesus confiou todos os cristãos à sua custódia materna. Assim, Deus escolheu, porque quis e não porque precisasse, que a Virgem Santíssima tivesse *um influxo salvador sobre os homens*²⁶.

Além desse privilégio divino, o episódio da perda e encontro do Menino Jesus no Templo (5º mistério gozoso do rosário) indica que Jesus quis humilhar-se a ponto de fazer-se súdito de Maria, como atesta o Evangelho de São Lucas: “Jesus desceu, então, com seus pais para Nazaré e era-lhes submisso” (Lc 2, 51).

A consequência disso é que as preces de Maria são poderosíssimas, pois sua maternidade divina continua no Céu. Santo Afonso Maria de Ligório afirma que “Jesus quer honrar esta sua querida mãe que tanto honrou em vida, concedendo-lhe imediatamente o que quer que peça e deseje”, e Santo Agostinho, em sentido semelhante, que “por haver merecido dar a carne ao Verbo Divino, e com

25. Vaticano II, Lumen Gentium, n. 62

26. Vaticano II, Lumen Gentium, n. 60.

ela preparar o preço da Redenção a fim de que fôssemos livrados da morte eterna, Maria é mais poderosa que todos os santos em ajudar-nos a conquistar a salvação eterna". Essa mesma ideia ecoa naquela piedosa tradição popular, segundo a qual "mais vale junto a Deus um suspiro de Maria que as súplicas de todos os santos reunidos.

Que grande atalho no caminho da salvação e da santidade é a poderosa intercessão de Nossa Senhora! Podemos fomentar nossa devoção a ela, dentre outros meios, através dos belíssimos cantos marianos que recebemos de nossa herança católica: *Salve Regina, Sub tuum praesidium, Memorare, Ave Regina Coelorum, Ave Maris Stella, Omni die dic Mariae...*

Novena à Nossa Senhora do Brasil

8º dia – Maria, Advogada Nossa

Mãe misericordiosa, nós Vos oferecemos as nossas almas, antes belas e lavadas com o sangue de Jesus Cristo, e depois sujas pelo pecado, para que sejam purificadas. Concedei-nos uma verdadeira correção; concedei-nos o amor a Deus, a perseverança, o Paraíso. Pedimos coisas grandes, mas por sorte não podeis nos obter tudo? Será demais o amor que Deus tem por Vós? Basta que abri a boca e pedi a Vosso Filho, ele nada Vos negará. Pedi, portanto, Maria; pedi por nós, que com certeza sereis atendida, e nós seguramente seremos salvos.

*Rogai por nós, Nossa Senhora do Brasil,
Para que sejamos dignos das promessas de Cristo.*

9º Dia

Maria, Mãe da Igreja

“Jesus, ao ver sua mãe e, ao lado dela, o discípulo a quem amava, disse à mãe: ‘Mulher, eis o teu filho!’ Depois disse ao discípulo: ‘Eis a tua mãe!’ A partir daquela hora, o discípulo a acolheu em sua casa.” (Jo 19, 26-27)

“Como me acontece que a mãe do meu Senhor venha a mim? Logo que ressoou aos meus ouvidos a tua saudação, a criança pulou de alegria no meu ventre.” (Lc 1, 43-44)

Chegados já ao último dia de nossa novena, meditamos acerca da maternidade universal de Nossa Senhora, tema intimamente ligado ao da corredenção e fundamental para entendermos por que as graças concedidas por Deus à Virgem Maria são extraordinariamente maiores do que as concedidas a todos os outros santos reunidos.

“Mãe da Igreja” não é apenas um título para enobrecê-La: de verdade, existe uma maternidade ativa que nos faz sermos seus filhos na ordem da graça. Nós, católicos, cremos que a Igreja é a continuação na história do corpo místico de Cristo, do qual Jesus é a cabeça, e os demais integrantes são os membros. Não faz sentido que Maria, tendo gerado a cabeça do corpo, não fosse mãe também das partes restantes, pois, como lembra São Luís Maria Grignon de Montfort, seria uma anormalidade, uma monstruosidade, que uma mulher desse à luz a cabeça de uma criança, mas não o resto do corpo.

Por isso, a Igreja ensina que, “de modo inteiramente singular, pela obediência, fé, esperança e ardente caridade, ela cooperou na obra do Salvador para uma restauração da vida sobrenatural das almas. Por esse motivo, ela se tornou para nós mãe na ordem da graça” 27. Essa maternidade na graça se evidencia de forma especial quando se medita os mistérios do Santíssimo Rosário.

Na Anunciação (primeiro mistério gozoso), o anjo

Gabriel informa que Maria dará à luz o Filho do Altíssimo, com o que Deus, por meio Dela, ligou-se à nossa carne e nunca mais a deixou. Como nos recordou o Papa Francisco na Solenidade de Maria Santíssima Mãe de Deus, em 2021, “Não estamos no mundo para morrer, mas para gerar a vida. E a santa Mãe de Deus ensina-nos que o primeiro passo para dar vida àquilo que nos rodeia é amá-lo dentro de nós”. Tão logo o anjo saiu de sua presença, Nossa Senhora, num ato de ardente caridade, saiu apressadamente para ajudar Santa Isabel (segundo mistério gozoso), demonstrando que, para levar Cristo aos outros, é fundamental antes amá-lo profundamente dentro de nós.

Não obstante, é na meditação do quinto mistério doloroso, a morte de Nosso Senhor na Cruz, que se consuma a maternidade universal da Virgem Maria, no momento em que, pouco antes de entregar o espírito, Nosso Senhor diz “Mulher, eis o teu filho”. Como recordamos no terceiro dia de nossa novena, Maria passava a ser mãe na fé de todos os discípulos de seu Filho, pois, caso fosse somente àquele discípulo específico, seria mais intuitivo ter dito “Mãe, eis aí João!”.

Dessa maneira, é na paixão que a maternidade se realiza de verdade, já que ao mesmo tempo em que é entregue o corpo de Cristo e derramado seu sangue, formase a Igreja. Embora a união da Virgem com seu Filho se expresse desde a concepção virginal, é na Paixão que ela é particularmente manifestada, com a entrega recíproca de sua mãe à humanidade e da humanidade para Maria.

Tal entrega mútua está intimamente relacionada ao dogma da Assunção, pois assunta em corpo e alma à glória celeste, não deixa jamais de interceder por seus filhos que permanecem na terra – antes, está no Céu ainda mais unida a seu Filho, exercendo a responsabilidade de Rainha Santíssima, comandando os exércitos celestes contra Satanás e as milícias que vagam pelo mundo para fazer as almas se perderem.

Sejamos gratos por esse poderosíssimo atalho ao Céu que é a Virgem Maria e não nos esqueçamos, como diz Santo Afonso Maria de Ligório, que “Maria, gerando Jesus, que é o nosso Salvador e nossa vida, gerou todos nós à salvação e à vida”. Portanto, amar Maria é demonstrar amor ao próprio Deus, fazendo da devoção mariana um caminho infalível à salvação, pois Nosso Senhor Jesus Cristo, como um bom Filho, não negará os pedidos de sua Mãe Misericordiosa.

Novena à Nossa Senhora do Brasil

9º dia – Maria, Nossa Mãe

Minha Mãe, como é possível que, sendo Vós uma santa, eu seja suscetível ao vício? Ou, tendo uma Mãe que arde toda de amor por Deus, aconteça de eu amar as criaturas? Ou, tendo uma Mãe tão rica em virtudes, venha a ser tão pobre? Minha Mãe amada, é verdade, eu não mereço mais ser Vosso filho, minha vida má me tornou indigno. Contento-me que me aceiteis como Vosso servo. E para ser admitido entre os Vossos servos mais humildes, estou disposto a renunciar a todos os reinos da Terra. Sim, contento-me, mas não me proibais de Vos chamar de minha Mãe.

Depois de Deus, sereis sempre a minha esperança, meu refúgio e meu amor neste vale de lágrimas. Espero morrer assim, confiando minha alma a Vossas mãos no último momento, e dizendo: Maria, minha Mãe, ajudai-me, tende piedade de mim. Amém.

*Rogai por nós, Nossa Senhora do Brasil,
Para que sejamos dignos das promessas de Cristo.*

Oração a Nossa Senhora do Brasil

Pai de bondade, nesta hora importante, confiantes fazemos esta prece por nossa Terra. Aflige-nos a miséria material e espiritual de milhões de irmãos.

Angustia-nos ver suas justas aspirações inatendidas. Entristece-nos a falta de grandeza ética e religiosidade, na vida particular e no procedimento público.

Pedimos, pois, Vossa Graça, para que governantes e governados unam suas forças em busca do bem comum.

Renovai os corações para que surjam mulheres e homens novos, capazes de construir uma grande sociedade cristã, enraizada no trabalho, na justiça e na austeridade.

Isso Vos pedimos pelos Sagrados Corações de Jesus e de Maria, aqui invocados sob o título de Nossa Senhora do Brasil, Vossa e nossa Mãe querida.

Amém.

Oração criada pelo querido Pe Nadir José Brun,
pároco da Paróquia N. Sra do Brasil entre 1985 a 2007

Oração à Nossa Senhora do Brasil pela Nossa Pátria

Ó Virgem Santíssima, Rainha da Paz e Sede da Sabedoria, que com inigualável humildade acolhestes os desígnios de Deus e, com suvíssima caridade, Vos unistes à Cruz de Vosso Filho, Nosso Senhor, fazendo assim que Vosso Imaculado Coração se moldasse mais e mais ao Divino Coração de Jesus, eu (nós) vos suplico(amos): convertei o coração dos brasileiros ao Deus Único e Verdadeiro.

Que a riqueza de nossa diversidade frutifique pela unidade de nossa fé; que a alegria de nosso coração caloroso encontre raiz na honestidade de nosso trabalho; que nossa esperança de progresso se realize pela aceitação piedosa de nossa humilde e divina origem; que nesta terra de Santa Cruz sejam abundantes as vocações, muitos os dignos pastores e inumeráveis as famílias santas; que o descaso de nossos governantes dê lugar ao heroísmo de verdadeiros líderes; que a indiferença de nosso povo seja superada pela inquietude de corações caridosos.

Ó Senhora do Brasil, Estrela da manhã e Torre de Davi, que de modo tão singelo Vos destes a nós, brasileiros, fazei raiar nesta Terra a luz do verdadeiro Sol, Jesus Cristo.

Que a beleza deste Céu e destes rios, o esplendor destas praias e a virgindade de tão ricas matas sejam reflexo do coração puro e humilde dos brasileiros. De fato, ó Mãe, apesar de tantas bênçãos, tantos são os meus (nossos) pecados e os pecados deste povo.

Tudo isso Vos pedimos não por nossos méritos, mas pelos méritos infinitos do Divino Coração de Nosso Senhor e pelos méritos do Vosso Divino Coração. Que todas estas graças que Vos suplico(amos) comecem pela minha (nossa) conversão e pela conversão daqueles que me (nos) são próximos; que, para a glória de Deus e glória desta Nação, meu (nosso) coração se torne o quanto antes Terra de Santa Cruz. Amém.





ORAÇÃO A SÃO JOSÉ

*Ó glorioso São José, a quem foi dado
o poder de tornar possíveis as coisas
humanamente impossíveis,
vinde em nosso auxílio nas dificuldades
em que nos achamos.*

*Tomai sob a vossa proteção a causa
importante que vos confiamos para
que tenha uma solução favorável.*

*Ó pai amantíssimo, em vós
depositamos toda nossa confiança.
Que ninguém possa jamais dizer
que vos invocamos em vão.*

*Já que tudo podeis junto a Jesus e Maria,
mostrai que vossa bondade
é igual ao vosso poder.*

*São José, a quem Deus confiou
o cuidado da mais Santa Família,
sede, nós vo-lo pedimos, o pai
e protetor da nossa família e
impetrai-nos a graça de viver
e morrer no amor de Jesus e Maria.
São José do perpétuo socorro,
rogai por nós que recorremos a vós.*



BENÇÃO DE SÃO JOSÉ

São José, em nome de Deus Onipotente, abençoei-nos; Vós que sois o terror dos demônios, do espírito maligno, defendei-nos. Ide a nossa frente para nos guiar, atrás de nós para nos proteger e ao nosso lado para nos amparar. Com vossa súplica ajudai-nos para sermos perseverantes no bem, para vivermos sempre na graça de Deus e chegarmos a glória eterna. Amém!



CONSAGRAÇÃO A SÃO JOSÉ

São José, consagro-me inteiramente a ti. Sê tu meu pai e protetor, meu guia no caminho da salvação. Alcança-me uma grande pureza de coração e um profundo desejo para a vida interior. Ajuda-me a seguir teu exemplo e que faça todas as obras para a maior glória de Deus, a fim de que esteja como tu sempre unida ao divino Coração de Jesus e ao Imaculado Coração de Maria. Amém.



LEMBRAI-VOS DE SÃO JOSÉ

Lembraí-vos São José, puríssimo esposo da Virgem Maria, que jamais se ouviu dizer que alguém tivesse invocado vossa proteção, implorado a vosso socorro e não fosse por vós consolado. Com esta confiança, venho a vossa presença e a vós fervorosamente me recomendo. Oh! Não desprezeis as minhas súplicas, pai adotivo do Redentor, mas dignai-vos de as acolher piedosamente. Amém.



trinitá

objetos de fé católica
com significado

Agradecemos a direção do nosso pároco e a disponibilidade dos que, sob a luz do Espírito Santo e no silêncio de Maria, dedicaram tempo e foram inspirados para a criação desta novena.

A Juarez Malavazzi por suas belíssimas fotos, a parceria com o Coletivo Trinitá na idealização e a participação do Cor Unum (Obras de Misericórdia da Paróquia N. Sra. do Brasil), que tornaram possível esta Novena de Nossa Senhora do Brasil.

São Paulo, setembro de 2022.